



## TURMA DA MÔNICA E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Cristiane Gonçalves Lemes  
(UEMS)  
Glaucinei Dutra Galvão  
(UEMS)

### Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar e discutir a educação inclusiva usando como interface as Histórias em Quadrinhos da Turma Mônica que exploram essa temática com os já conhecidos personagens que interagem com colegas deficientes. Para percorrer esse caminho faremos, em primeiro lugar, a apresentação dos personagens com deficiência criados pelo cartunista brasileiro Mauricio de Sousa. Após uma pequena contribuição para os profissionais da educação de como receber e incluir um aluno com deficiência no ambiente escolar, utilizaremos uma das charges de Jorge Barreto e um dos quadrinhos de Sousa para trabalhar com a temática da acessibilidade, concluímos com uma breve análise de comparação da Turma da Mônica em Viva as Diferenças com a inclusão escolar.

**Palavras-chave:** Turma da Mônica; Educação Especial Inclusiva; Histórias em Quadrinhos.

### Abstract

This article aims to discuss and present inclusive education using the Mônica Gang Comics Stories as an interface, that in turn explore this theme with the well-known characters who interact with disabled colleagues. To follow this path, we will firstly present the characters with disabilities created by the Brazilian cartoonist Mauricio e Sousa. After a small contribution to education professionals on how to receive and include a student with a disability in the school environment, we will use one of the cartoons by Jorge Barreto and one of Sousa's comics, we conclude with a brief comparison analysis of Mônica Gang in live the differences with school inclusion.

**Keywords:** Mônica Gang; Inclusive Special Education; Comics.

### Introdução

A utilização de Histórias em Quadrinhos (HQs) para discutir a inclusão social de deficientes foi uma pauta utilizada por Mauricio de Sousa nos quadrinhos da Turma da Mônica, interagindo de forma lúdica com o público infanto-juvenil demonstrando que todas as pessoas têm o direito ao respeito, à educação e ao desenvolvimento social. Os personagens foram criados a partir



de características que demonstram de forma leve e harmônica que uma deficiência não os impede de brincar, estudar e aprontar traquinagens como qualquer criança.

As histórias chegam até o leitor mostrando a realidade das pessoas de maneira criativa e surpreendente. As crianças apresentadas em suas obras possuem características humanas. Elas são nascidas e criadas em uma família, brincam, brigam, divertem-se, festejam datas comemorativas, estudam, passeiam, fazem novos amigos e aceitam em seu convívio aqueles que muitas vezes são considerados diferentes (REZENDE E SILVÉRIO, 2012, p. 263).

A leitura de gibis com assuntos educativos, de acordo com Kuhn (2007, p. 7), “revela-se como instrumento de grande valor para inclusão, não só escolar, mas social”. O convívio da turma com os novos amigos traz à tona assuntos relacionados à aceitação do diferente como algo natural e ao desenvolvimento de valores culturais e sociais.

Nos últimos anos, a inclusão tem sido bastante abordada - embora nem sempre com conceitos corretos ou bons exemplos pela mídia e pelos meios de comunicação - em filmes, novelas, comerciais, documentários, projetos e histórias que trazem personagens com deficiência. Nas histórias em quadrinhos, ou popularmente conhecidos gibis, um universo de boas possibilidades se abriu para a temática, seja sob o olhar de professores, profissionais da Educação e áreas afins, ou de leitores de diversas idades que descobrem na leitura inclusiva, que ser diferente não é um problema de ordem educacional, social ou cultural. (WELLICHAN & LINO, 2019, p.45)

Nesse sentido as HQs de Mauricio de Sousa vêm ao encontro dessa temática tão recorrente na contemporaneidade, pois por muito tempo os deficientes foram estigmatizados da sociedade, sendo vistos como não normais. Porém, com o passar dos tempos, médicos e eruditos da educação chegaram à conclusão que apesar das limitações físicas, mentais, intelectuais ou sensoriais os deficientes podem interagir e contribuir em todas as esferas da sociedade.

### **Personagens Especiais da Turma da Mônica**



Os primeiros personagens infantis criados por Mauricio de Sousa surgiram nas páginas da Folha de São Paulo no ano de 1959. Um garotinho e seu cachorro, Bidu e Franjinha, retratam a infância do próprio autor, divertindo as crianças com suas aventura e traquinagens. Com ideia de homenagear um familiar que vive na zona rural, Mauricio, em 1961 deu vida à Chico Bento, um garoto que vive na roça, conforme nos explica Silva:

Em 1961, em homenagem aos ribeirinhos do Vale do Paraíba e a um tio-avô, Mauricio cria o personagem rural, Chico Bento, personagem coadjuvante das tiras de Hiroshi e Zezinho (Hiro e Zé da Roça), ganhando a simpatia dos leitores Chico passa de coadjuvante a protagonista das histórias tendo sua revista própria lançada em 1982 com o título *Chico Bento, Óia nós aqui!* (SILVA, 2015, p. 24).

Inspirado em pessoas com quem conviviam, Mauricio observava todos os detalhes para criar seus personagens que, de acordo com Tosin (2014, p. 161), “foram todos criados a partir de experiências vividas, observando crianças e inspirando-se em familiares” e assim nasceu o Cebolinha no ano de 1963. O personagem com problemas de dicção foi baseado em Luiz Carlos da Cruz, um garoto da cidade de Mogi das Cruzes, em São Paulo, que trocava a consoante “r” pela consoante “l”.

As aventuras de Cebolinha eram contadas em formato de tirinhas na Folha de São Paulo e para acompanhar as peripécias do garotinho de cabelos arrepiados surgiu Mônica, uma menina gordinha, com vestido vermelho, mal-humorada, que carregava um coelhinho de pelúcia. A personagem feminina foi baseada na filha do autor. Com o sucesso da personagem Mônica, Mauricio decide criar em 1970 a Turma da Mônica, uma revistinha infantil com temas diversos, onde crianças de oito anos vivem diversas situações no bairro do Limoeiro. A seguir, Tosin, explica a importância da Turma da Mônica para o público infantil brasileiro.

As histórias em quadrinhos da Turma da Mônica são um dos maiores fenômenos da comunicação de massa voltada ao público infantil brasileiro. Concebidas por Mauricio de Sousa no começo dos anos 1960, consagraram vários personagens



que têm lugar privilegiado no imaginário dos leitores de HQs em nosso país. Além da própria Mônica, outros como Cebolinha, Cascão, Magali e Chico Bento são nacionalmente conhecidos pelo público de diversas idades (TOSIN, 2014, p. 161).

A tiragem da primeira revista da Turma da Mônica foi de 200 mil exemplares, publicada pela Editora Abril, detentora dos direitos autorais até dezembro de 1986. Em janeiro de 1987, a editora Globo assumiu as publicações e vendas das produções de Mauricio de Sousa, a parceria durou cerca de vinte anos. Atualmente a Panini Comics é a editora responsável pelas obras de Mauricio de Sousa. No ano de 2004, Mauricio de Sousa decide incluir em suas histórias personagens com deficiências e trabalhar o tema de *Inclusão Social* com leitores das HQs da Turma da Mônica como nos conta Tosin a seguir.

Em 2004, o autor começou a criar personagens com dificuldades especiais e os integrar ao convívio com os demais personagens já existentes na Turma da Mônica. Entretanto, esse passo foi dado com muita cautela, atentando para a delicadeza que envolve o assunto (TOSIN, 2014, p.162).

Nas histórias, a turminha da Mônica aceita os novos amiguinhos deficientes sem questionar suas limitações, tratando-os com igualdade. Rezende e Silvério (2012, p. 264) explicam que os temas utilizados por Mauricio de Sousa “apresentam grande pluralidade educativa no processo de ensino e aprendizagem da leitura, desenvolvimento de valores, conhecimentos culturais, representações do modo de viver, entre outros”. Sousa ensina de forma lúdica crianças, adolescentes e até mesmo adultos valores sociais como: amizade, dignidade e respeito.

Dentre os conteúdos apresentados nas HQs de Maurício de Sousa, os personagens portadores<sup>29</sup> de necessidades especiais, presentes em várias de suas obras, sugerem a inclusão social. Nessas histórias, as crianças participantes do enredo são acolhedoras e aceitam a interação com amigos portadores<sup>30</sup> de limitações

---

<sup>29</sup> Em “portadores” ler deficientes.

<sup>30</sup> Em “portador” ler deficiente.



físicas de forma natural, tal como deve acontecer na sociedade, a começar pelo contexto escolar, no qual a criança precisa de plena interação para o seu desenvolvimento (REZENDE E SILVÉRIO, 2012, p. 264).

Dorinha, uma menina cega, apareceu na edição 221 – Turma da Mônica, de 2004. Apresentada pelo autor como uma criança alegre, a menina não deixa sua limitação física atrapalhar suas atividades como brincar, ir à escola e fazer amigos.

Na apresentação de Dorinha, o autor mostra o quanto ela é alegre, dinâmica, possuidora de muitas habilidades e que pode não enxergar com os olhos, mas enxerga com o coração, com os ouvidos, com o tato, com o paladar, com a alma. Ela não surge na história de maneira triste, sentindo-se diferente das outras crianças. Pelo contrário, foi apresentada com diversão, mostrando que é cheia de contentamento, brincando com os amigos da turma e deixando-os surpresos por seus talentos (REZENDE E SILVÉRIO, 2012, p. 269).

Dorinha aparece durante a brincadeira de cabra-cega onde as crianças estão vendadas, buscando umas às outras através dos sentidos de audição, tato e olfato.

Em sua apresentação na revista 221 (SOUSA, 2004), na história intitulada “Dorinha, a nova amiguinha”, a personagem aparece e as crianças estão usando venda nos olhos, pois estão brincando de cabra-cega, tentando se encontrar umas as outras. É nesse momento que chega Dorinha, vestida elegantemente, de óculos escuros, corte de cabelo moderno, sorridente, alegre e com seu amigo Radar, um cão guia labrador (REZENDE E SILVÉRIO, 2012, p.269).

Ao perceber a presença de Dorinha e seu cão, as crianças a acolhem com muito carinho convidando para participar da brincadeira. A nova amiguinha decide participar, veste as vendas e inicia a caça aos amiguinhos.



É possível verificar que Dorinha não precisaria vendiar seus olhos, mas a escolha dessa brincadeira feita por Maurício para apresentar a personagem traz a percepção de que Dorinha também quer se incluir em seu meio social. Para isso, o autor a coloca como igual, participando da brincadeira de cabra-cega com as crianças. Se ele a tivesse colocado na brincadeira sem a venda, não haveria a percepção de que ela deve ser vista como uma criança como outra, nem diferente, nem excluída. Maurício apresentou o diferente de maneira igual (REZENDE E SILVÉRIO, 2012, p.269).

De acordo com Tosin (2014, pp.162-163) a personagem de Dorinha é uma homenagem à Dorina Nowil, educadora e filantropa brasileira que perdeu a visão aos 17 anos. Nowil criou instituições de apoio à deficientes visuais intensificou a utilização do braile e ajudou na criação de leis específicas para cegos no Brasil.

Luca apareceu pela primeira vez na revista 222 da Turma da Mônica: *Um menino sobre rodas*, em dezembro de 2004. Na história Luca também conhecido como “Da roda”, é um garoto bonito, feliz, inteligente, faz sucesso com as meninas na escola, esportista e enfrenta qualquer obstáculo com a sua supercadeira de rodas.

Luca, um garoto que anda em cadeira de rodas e é apaixonado por esportes, especialmente o basquete. Para Luca, os obstáculos enfrentados pelos cadeirantes, como corredores e portas estreitas, escadas, banheiros apertados, rampas, ônibus inacessíveis, buracos nas ruas e calçadas, parecem não incomodar tanto. Bonito e querido por seus amiguinhos, Luca é um dos personagens portadores<sup>31</sup> de necessidades especiais. Maurício demonstra que pessoas com dificuldades podem não apenas participar do convívio social, mas também interagir plenamente, quando a sociedade está disposta a acolher e propiciar meios adequados para essa inclusão (REZENDE E SILVÉRIO, 2012, p.272).

Observamos que Luca é alegre e bem resolvido com sua deficiência e querido por todos da turma, como relatam Rezende e Silvério a seguir:

---

<sup>31</sup> Em “portadores” ler deficientes.



Em todas as revistas do personagem Luca, Mauricio o apresentou sorridente, simpático, amigo de todos e participante das brincadeiras da turma, que por sua vez, interage com o amiguinho plenamente (REZENDE E SILVÉRIO, 2012, p. 273).

O personagem é uma homenagem ao cantor Herbert Vianna, vocalista do grupo *Os Paralamas do Sucesso* que, após um acidente aéreo em 2001, ficou paraplégico.

O deficiente auditivo das historinhas de Mauricio de Sousa apareceu na primeira edição da revista Bidu – *O ovo da discórdia*, em 1960. Por apenas murmurar “hum, hum”, o personagem foi batizado de Humberto. No ano de 1970, apareceu na revista da Mônica, no clube dos meninos. Na década de 1980, o personagem ganhou destaque nos gibis infantis mostrando a deficiência em comunicação entre ele e as outras crianças. Em 2006, na revista Mônica: *Aprendendo a falar com as mãos*, o autor discute a importância da Libras (Língua Brasileira de Sinais) na comunicação de surdos com ouvintes.

Humberto, não fala, apenas murmura (hum, hum) e se comunica por meio de sinais. Nas revistas iniciais em que aparece o personagem Humberto, este era apresentado como uma criança que tinha dificuldade na fala. No decorrer das publicações, passou a ser apresentado nas histórias como surdo-mudo. Nos quadrinhos, Humberto é visto em várias histórias, ora como personagem principal, ora como participante. Em algumas delas, ele aparece até mesmo em uma única cena... (REZENDE E SILVÉRIO, 2012, p.270).

Percebemos a preocupação do autor em discutir a inclusão social de uma forma lúdica e leve, demonstrando para os leitores que as deficiências não são empecilhos para viver de forma saudável, ter amigos, praticar esportes e ir à escola.

Tati tem síndrome de Down, é uma personagem baseada na vida de Tathiana Piancastelli, atriz, escritora, palestrante, influenciadora digital e ativista, moradora da cidade de Campinas, em São Paulo.



Tati, tem Síndrome de Down, é inspirada em Tathiana Piacastelli, de Campinas. O Instituto Maurício de Sousa, juntamente com o Instituto Metasocial e apoio da Matecorp, lançaram a revista com essa personagem para comemorar o Dia Internacional da Síndrome de Down, durante um simpósio realizado em 2009 (REZENDE E SILVÉRIO, 2012, p. 273).

Na edição especial da Turma da Mônica- *Viva as diferenças!*- de 2009, a história é contada no ambiente escolar, com a participação dos personagens Dorinha, Tati e Luca. A ideia do autor é provar que, ao serem estimuladas, as crianças especiais conseguem desenvolver e acompanhar o ritmo de outras crianças, vivendo uma vida normal.

Maurício de Sousa estudou as condições de crianças com síndrome de Down numa escola dos EUA onde são estimuladas e se desenvolvem muito bem, conseguindo ler e escrever aos dois anos de idade (TOSIN, 2014, p. 163).

Nas histórias de Maurício de Sousa, a deficiência é vista como algo natural pelas outras crianças, que aceitam os novos amiguinhos, incluindo-os nas brincadeiras e traquinagens. Em 2007, através de uma parceria com a AMA (Associação de Amigos dos Autistas), foram produzidas revistinhas da Turma da Mônica- *Um amiguinho diferente*, não comercializada, para apresentar André, um menino autista. Do mesmo modo O Governo Federal e a Secretaria dos Direitos Humanos também apoiaram a iniciativa. A distribuição do material foi gratuita, sem fins lucrativos com objetivo de instruir a população brasileira sobre o comportamento dos autismo.

Para criar este personagem, Maurício de Sousa pesquisou as diversas graduações do autismo e seus reflexos no comportamento social dos portadores<sup>32</sup>. O personagem possui autismo num nível médio, o que possibilita que, mesmo com certo isolamento, participe de brincadeiras com outros personagens (TOSIN, 2014, p. 163).

---

<sup>32</sup> Em “portadores” ler deficientes.



A revista apresenta todas as características dos autistas de forma lúdica, como a repetição de gestos sequenciais e a incompreensão dos personagens Magali, Mônica, Cascão e Cebolinha com a indiferença de André para as brincadeiras coletivas. Apesar de André ser diferente não houve exclusão por parte dos outros personagens, eles respeitaram a atitude do novo amiguinho e suas diferenças. Rezende e Silvério (2012, p.275) explicam que “em nenhuma cena as crianças se ausentaram, Maurício mostrou de maneira natural mais uma inclusão de um personagem”, provando que o acolhimento às pessoas com deficiência é algo saudável, sugerindo que o ato pode ser praticado de forma respeitosa por qualquer pessoa no dia a dia.

### **Como receber e incluir um aluno com deficiência no ambiente escolar**

O Atendimento Educacional Especial Inclusivo é resultado de uma longa jornada de lutas e conquistas de deficientes, de familiares de deficientes e entidades envolvidas nos processos de atendimentos aos deficientes. De acordo com Sasaki (1997), a inclusão é um processo amplo, com transformações, pequenas e grandes, nos ambientes físicos e na mentalidade de todas as pessoas, inclusive da própria pessoa com necessidades especiais. E são essas transformações físicas e mentais que corroboraram para a criação de leis e decretos.

Os fundamentos da Educação Especial Inclusiva são abalizados por três grandes nomes da medicina Jean Marc Gaspard Itard (1745-1825), Eduard Séguin (1812-1880) e Maria Montessori (1870-1952). Itard, Séguin e Montessori foram os primeiros a olhar para o grupo de crianças, adolescentes e adultos deficientes com outra perspectiva, pois “em um tempo passado, as crianças com necessidades especiais não possuíam nenhum tipo de escola para atendê-las e, por isso, a maioria delas apenas ficava com os familiares em casa sem ter nenhum tipo de educação” (SILVA, VIERA, CAMPO, MAGALHÃES. 2017, p.20). E apesar do tempo em que Itard, Séguin e Montessori vivenciaram tais experiências serviram de base para técnicas de atendimento, ensino e inclusão na atualidade.

Com o passar do tempo foram surgindo as primeiras escolas especializadas que começaram a receber alunos com necessidades especiais, como a Fundação do Instituto dos Meninos Cegos, hoje Instituto Benjamim Constante, em 1854. Esse fato foi de grande importância para a evolução da educação, porém ainda não era o ideal, havia uma necessidade de educação regular padrão para receber esse tipo



de aluno e não deixá-los sobre responsabilidade apenas das escolas especializadas. (SILVA, VIERA, CAMPO, MAGALHÃES. 2017, p.20)

As escolas especializadas têm um papel importante no processo de inclusão de alunos especiais na sociedade, mas o ideal é que esses alunos frequentassem escolas de ensino regular. Hoje no Brasil já se tem uma rede de atendimento mais adequada às pessoas com deficiências, que é resultado de algumas conquistas legislativas que têm como ponto inicial a Lei nº 4.024/61, que versa sobre o atendimento educacional às pessoas com deficiência.

Porém, um dos marcos desse processo de conquista é a Lei Brasileira de Inclusão nº 13.146/2015 também chamada de *Estatuto da Pessoa com Deficiência*, que visa assegurar e promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e à cidadania. De acordo com a Língua Portuguesa (2017), inclusão é o ato de incluir e acrescentar, ou seja, adicionar coisas ou pessoas em grupos e núcleos que antes não faziam parte. Sendo assim, a inclusão ocorre de fato quando a pessoa com deficiência é integrada à sociedade levando em conta suas potencialidades e limitações de natureza física, mental, intelectual ou sensorial.

Dentro desse contexto de inclusão a escola tem um papel importante na vida acadêmica e social de pessoas com deficiência, pois a escola precisa assegurar e promover em condições de igualdade o acesso à educação. Dessa maneira faz se necessário, que toda a comunidade escolar esteja apta para receber esse público.

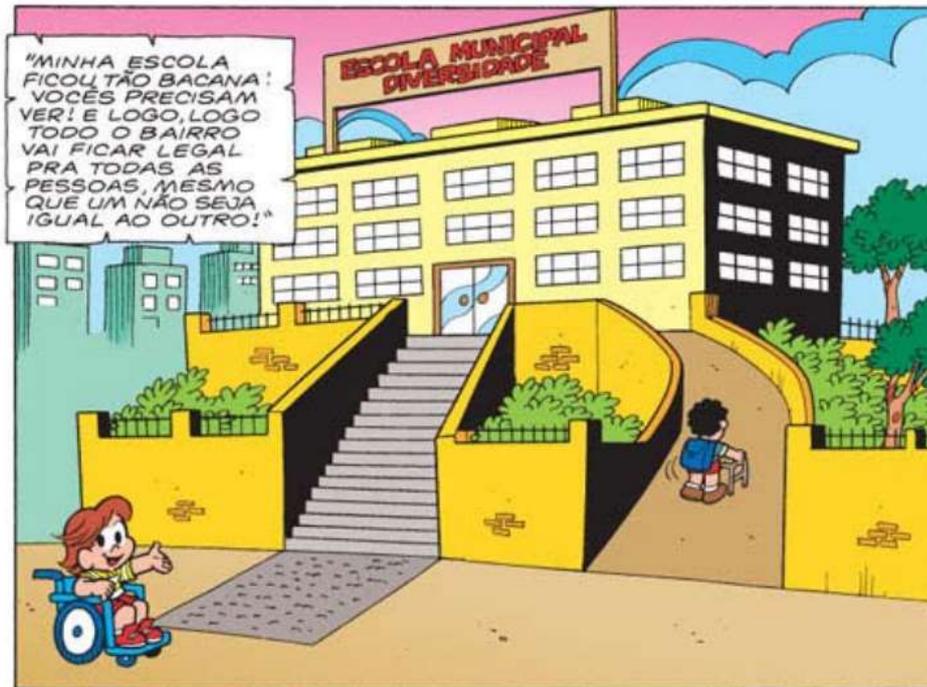
Conforme Mantoan (2003, p.16), a inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, pois não atinge apenas alunos com deficiência e os que apresentam dificuldades de aprender, mas todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral. Sendo assim, deve-se criar condições de aprendizagem para todos os estudantes independente de questões sociais, físicas, emocionais ou psicológicas.

Boa parte das instituições de ensino estão preparadas para trabalhar apenas com os padrões de normalidades, todavia é preciso quebrar esse paradigma, pois é papel da escola ofertar aos seus alunos o acesso igualitário da educação. Quando a escola se prepara para o acolhimento de alunos com deficiência, automaticamente ela aprimora a qualidade de ensino ofertada aos demais.



Jornal Fato Paulista/Charge: Jorge Barreto

A Charge de Jorge Barreto retrata a falta de acessibilidade para a aluna cadeirante ter acesso às dependências da escola, assim como o discurso e a expressão fisionômica da professora ao receber a aluna. Conforme Mantoan (2003, p.27), uma das maiores barreiras para se mudar a educação é a ausência de desafios. Quando falamos em inclusão escolar pode-se afirmar que a escola sempre será desafiada a buscar novos caminhos e alternativas para ofertar aos seus alunos um ensino de qualidade.



Mauricio de Sousa/Turma da Mônica: Acessibilidade

O quadrinho da *Turma da Mônica*, que aborda o tema acessibilidade, de 2012, apresenta aos leitores os desafios enfrentados pela escola, a fim de oferecer ao aluno cadeirante Luca a acessibilidade necessária para o ambiente escolar. Mauricio de Sousa consegue traduzir o tema da acessibilidade para uma linguagem acessível ao público infantil. Além de apresentar uma equipe pedagógica comprometida com a inclusão escolar capaz de transpor as barreiras estruturais e pedagógicas que tentam limitar o acesso ao ensino.

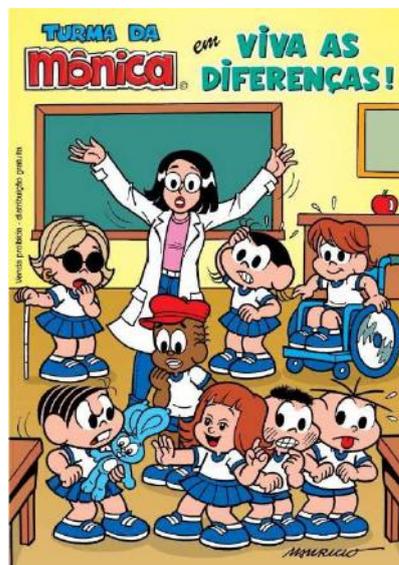
O desenvolvimento da educação inclusiva na escola possui algumas barreiras. Essas barreiras partem tanto da própria escola, que as vezes não possui materiais ou recursos necessários para atender os alunos especiais da melhor forma possível, como também parte dos educadores, que na maioria das vezes não possuem preparação para o ensino inclusivo, apesar de que atualmente essa realidade vem se modificando. (SILVA, VIERA, CAMPO, MAGALHÃES. 2017, p.23)



A escola precisa respeitar as características do estudante e preparar-se para recebê-lo, com infraestrutura adequada, capacidade limitada de alunos por sala, materiais específicos, equipe pedagógica engajada, capacitação de professores, fazer adaptações curriculares e cumprir os objetivos da aprendizagem. Silva, Viera, Campo e Magalhães (2017, p.23) afirmam que, “nesse contexto, para que o ensino inclusivo seja mais eficaz, é de extrema importância que a escola e o professor tenham um bom projeto pedagógico para nortear as ações escolares. Desta maneira a educação inclusiva deixa de ser uma possibilidade e passa a se tornar real.

### **Turma da Mônica em Viva as Diferenças e a Inclusão Escolar**

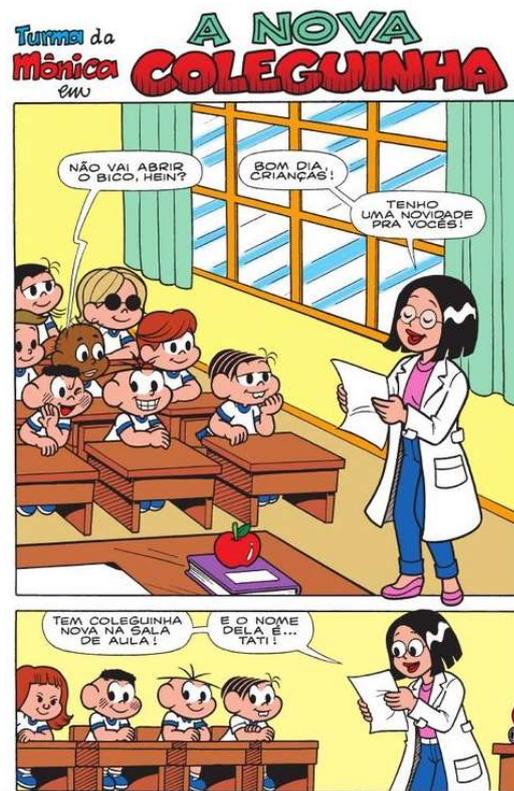
Mauricio de Sousa é considerado o cartunista mais famoso do Brasil, autor e criador da *Turma Mônica*. Sendo assim, as HQs desse renomado cartunista têm uma grande relevância para seu público leitor, e sabendo disso Mauricio passa a incluir personagens com deficiência em suas HQs. Logo, dentro do cenário de *Inclusão Escolar* iremos explorar o quadrinho Turma da Mônica em *Viva as Diferenças* lançado em 2012, pela Editora Mauricio de Sousa.



Mauricio de Sousa/Turma da Mônica em Viva as Diferenças



Além dos personagens já conhecidos Mônica, Cebolinha, Cascão, Magali, Luca (cadeirante) e Dorinha (deficiente visual), Sousa apresenta a personagem Tati que tem Síndrome de Down. A primeira parte do quadrinho o autor apresenta aos seus leitores as etapas que precedem o nascimento das crianças e deixa claro que todas elas são diferentes e amadas por seus pais independente de suas diferenças. No segundo momento, já na fase escolar, Tati é apresentada como a nova coleguinha da turma.



10

Mauricio de Sousa/Turma da Mônica em Viva as Diferenças

Conforme Vivaldi (2014), envolver todos da sala no desafio de vencer as diferenças pelo respeito à dignidade do ser humano promove o sentimento de pertença ao grupo, não só para quem tem a deficiência como para todos que convivem com ela. Sousa apresenta o comportamento natural das crianças ao se depararem com as características físicas, comportamentais e intelectuais



da personagem, e do mesmo modo, a importância de um professor preparado para receber e incluir os alunos com deficiência na sala de aula.



Mauricio de Sousa/Turma da Mônica em Viva as Diferenças

A resposta da personagem Tati diante dos questionamentos dos colegas demonstra que ela tem uma relação de confiança com a professora, pois é de fundamental importância que o professor conheça quais são as potencialidades e limitações dos alunos com deficiência, a fim de tornar a sala de aula em um ambiente seguro e favorável para a inclusão, para o desenvolvimento social e intelectual do aluno.

Sendo assim, cabe aos professores procurar novas posturas e habilidades que permitam problematizar, compreender e intervir nas diferentes situações que se deparam, além de auxiliarem na construção de uma proposta inclusiva, fazendo com que haja mudanças significativas pautadas nas possibilidades e com uma visão positiva das pessoas com necessidades especiais. (ROCHA, 2017, p.2)

Quanto mais conhecemos determinado fato ou assunto, mais nos sentimos seguros diante dele (MINETTO, 2008, p.17). Ao se estabelecer um ambiente seguro ao aluno com deficiência, maiores serão os resultados positivos de inclusão e aprendizado, pois o professor saberá estabelecer objetivos e metas que o estudante poderá alcançar.

O ideal é que na experiência educativa, educandos, educadoras e educadores, juntos 'convivam' de tal maneira com os saberes que eles possuem vão virando sabedoria. Algo que não é estranho a educadores e educadoras (FREIRE, 2005, p. 58). No decorrer da narrativa Mauricio de Sousa constrói cenas que apresentam as principais características da Síndrome de Down e no



final da explicação toda, a turma compreende que todos eles são diferentes com habilidades e potencialidades específicas e únicas.



Maurício de Sousa/Turma da Mônica em Viva as Diferenças

Atualmente, para construir uma escola que atenda adequadamente a alunos com características, potencialidades e ritmos diferentes de aprendizagem, não basta apenas que tenham professores e demais profissionais que uma escola normalmente apresenta. Faz-se necessário que os profissionais e principalmente os professores estejam capacitados para exercer essa função, atendendo a real necessidade de cada educando. (ROCHA, 2017, p.2)

O professor é a peça chave para o sucesso da escola inclusiva, pois ele é o mediador dos conhecimentos e principalmente dos relacionamentos dentro da sala de aula que favorecem a interação social do aluno com deficiência e ao mesmo tempo valorizando as diferenças. Maurício de Sousa deixa aos seus pequenos leitores e à comunidade escolar HQs que favorecem a compreensão de um modelo escolar inclusivo e que é possível celebrar as diferenças.

### Considerações Finais

A utilização de histórias em quadrinhos (HQs) para discutir assuntos ligados à inclusão social demonstra claramente que uma pessoa deficiente não é diferente, ela possui dificuldades



como qualquer indivíduo, e é capaz de levar uma vida saudável e feliz. Mauricio de Sousa criou personagens que representam a diferença Mônica é gordinha e dentuça, Cebolinha é calvo e fala errado por apresentar dislalia, Cascão apresenta fobia à água, Magali compulsão alimentar e Chico Bento apresenta variações linguísticas típicas de pessoas moradoras de áreas rurais, portanto, todas as crianças possuem alguma característica na qual seriam identificadas como diferente.

Ao apresentar Dorinha, Tati, Luca, Humberto e André, o autor deu importância às crianças com deficiência, mostrando a elas que são parte da sociedade, com integração com outros personagens e que possuem direitos e deveres como qualquer cidadão. A leitura trabalhada em sala de aula pelos professores, mostrará aos futuros adultos um novo olhar sobre a inclusão, formando cidadãos críticos e cautelosos. Desta forma, nosso trabalho é uma pequena contribuição para a educação inclusiva.

## REFERÊNCIAS

BARRETO, Jorge. [Sem título], 2012. Disponível em: <<https://www.deficienteciente.com.br/escola-de-ingles-em-itaquera-e-inaugurada-sem-acessibilidade.html>>. Acessado em: 26 de ago. 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

KUHN, Cleuza. **A inclusão de personagens com deficiência nas histórias em quadrinhos da Turma da Mônica, de Maurício de Sousa**. Monografia de conclusão do curso de Pós-Graduação em Inclusão e Educação especial. Curitiba, 2007.

LÍNGUA PORTUGUESA. **Significados**. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/lingua-portuguesa/>>. Acessado em: 26 de ago. de 2020.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** – São Paulo: Moderna, 2003.

MINETTO, M. F. **O currículo na educação inclusiva: entendendo esse desafio**. 2ª ed. Curitiba: IBPEX, 2008.

RAMOS, Paulo. **Tiras no Ensino**. 1º ed. São Paulo/SP. Parábola Editorial, 2017.



REZENDE, L.A. SILVÉRIO, L.B.R. **Leitura e Educação - Representações da Inclusão Social na obra de Maurício de Sousa.** Cadernos de Letras da UFF. Dossiê: Palavra e imagem nº 44, pp. 255-276. Rio de Janeiro/RJ, 2012.

ROCHA, Artur Batista de Oliveira. **O papel do professor na educação inclusiva.** Disponível em: <<http://www.opet.com.br/faculdade/revista-pedagogia/pdf/n14/n14-artigo-1-O-PAPEL-DO-PROFESSOR-NA-EDUCACAO-INCLUSIVA.pdf>>. Acessado em: 26 de ago. de 2020.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos.** 8ª ed. Rio de Janeiro: WVA, 2010.

SILVA, M.C. **Chico Bento em Pavor Espaciar: Uma abordagem Sociolinguística da Graphic Novel de Gustavo Duarte.** Dissertação, UEMS, Campo Grande/MS, 2015.

SILVA, Márcia Aparecida de Faria SILVA. VIEIRA, Márcia Claret de Paula. CAMPOS, Dejanir José Júnior. MAGALHÃES, Sérgio Ricardo. **Educação inclusiva: um novo olhar sobre o papel da educação no Século XXI.** Revista ESPACIOS - Vol. 38 (Nº 30) Año 2017.

SOUSA, Mauricio Araújo. **Turma da Mônica em Viva as Diferenças.** Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/oliveiraluke/revista-viva-as-diferenas-turma-da-mnica>>. Acessado em: 26 de ago. de 2020.

TOSIN, G. FRANCO, G, S. HAYASHIDA, M, T. OLIVEIRA, B.R. **As histórias em quadrinhos da Turma da Mônica como ferramenta para a inclusão escolar.** Revista Técnico- científica das Faculdades de Atibaia, Nº 12, pp. 155-169. Atibaia/SP, 2014.

VIVALDI, Flávia. **Promovendo a inclusão na sala de aula.** Disponível em: <<https://gestao escolar.org.br/conteudo/953/promovendo-a-inclusao-na-sala-de-aula>>. Acessado em: 26 de ago. de 2020.